

ROBERT BRYNDZA

VINGANÇA

Dedico este livro a todos os meus
tradutores literários em todo o mundo.

«A vingança está no meu coração, a morte na minha mão,
sangue e desforra palpitam na minha cabeça.»

William Shakespeare

Tito Andrónico

1

SEXTA-FEIRA, 13 DE JANEIRO DE 2023

Por favor, meu Deus, que isto não seja um pedido de casamento, pensou a inspetora-chefe Erika Foster. Através do concorrido restaurante, olhou para Igor, que estava a falar com um dos empregados de mesa de casaco branco. Encontrava-se em curso um acordo ou plano. Estaria ele a pedir para enterrarem um anel num *soufflé* de chocolate?

O jantar de ambos decorria numa noite de sexta-feira em meados de janeiro. Calhava ser sexta-feira treze, e tudo tinha aquela sensação de vazio depois de as decorações de Natal terem sido retiradas.

O restaurante ficava no topo da Torre OXO e tinham uma mesa junto à janela. Erika tinha vista para o Thames Embankment e para o rio que corria como uma mancha de tinta escura, refletindo o horizonte londrino iluminado nas trevas. Estava exausta, após um longo dia de papelada e uma ida a tribunal para prestar depoimento ante o advogado hostil de um violador em série. Era um local demasiado fino, aquele. Os empregados usavam luvas brancas e havia demasiadas facas e garfos de cada lado do seu prato. E o seu vestido elegante era desconfortável.

– Merda – disse Erika em surdina, enquanto Igor regressava à mesa. Tinha-se aperaltado todo, com o seu melhor fato. – O que foi aquilo? – perguntou então, num tom mais alto.

– Estava só a certificar-me de que o champanhe está fresco – respondeu Igor, com um sorriso.

O empregado aproximou-se com uma garrafa de champanhe embrulhada num pano branco e apresentou-a aos dois como se de um bebé recém-nascido se tratasse. Igor fitou-a através dos seus óculos de armação de tartaruga e assentiu. O empregado retesou-se um pouco em esforço e soltou a rolha.

– Foi um belo estalo – comentou Igor.

– Sim, senhor. Gostamos de pensar que sim – respondeu ele, com a mistura certa de deferência e condescendência. – A senhora gostaria de provar?

A senhora adoraria que deixasse a garrafa e se pusesse a andar, pensou Erika, mas sorriu e aquiesceu.

O empregado verteu um pouco de espumante no seu copo e recuou enquanto ela o provava. Não era grande fã de champanhe e desejou que fosse antes uma lata fresca de hidromel de dente-de-leão e bardana para acompanhar umas batatas fritas, mas viu Igor à espera do seu veredito e afastou o pensamento. Estava a ser uma cabra. Quantas mulheres solteiras não adorariam ser levadas a um bom restaurante pelo homem que amavam?

– É muito bom – observou.

O empregado aproximou-se e encheu os copos de ambos, fitando-os de narinas dilatadas.

– É uma ocasião especial? Um aniversário de casamento? – perguntou ele, afadigando-se com um balde num suporte e enfiando a garrafa de champanhe no gelo.

– Não somos casados – disse Erika.

– Ainda – acrescentou Igor, com um piscar de olho. As entranhas de Erika revolveram-se e os seus maxilares retesaram-se.

Oh. Meu. Deus. Ele vai ajoelhar-se no meio de toda esta gente.

Mesmo ao fim de quatro anos e pouco, Erika não sabia o que chamar a Igor. *Namorado?* Não, não eram adolescentes. *Amante?* Não. Isso fazia-a corar. *Parceiro?* Sim, «parceiro», era a melhor opção.

– A senhora desejaria um pouco mais de pão artesanal?

– Não.

– Por favor, saboreie os nossos azeites seleccionados. Combinam lindamente com o pão.

– Fantástico – disse Erika, cerrando os dentes num sorriso.

– Tem alguma pergunta sobre a ementa?

– Não! – retorquiu ela.

O homem bateu os calcanhares, fez-lhes uma ligeira vénia e afastou-se. Igor fitou-a através da mesa e ergueu o copo. Brindaram. Erika bebeu um gole hesitante enquanto ele inclinava a cabeça para trás e despachava a maior parte do seu copo. O tecido do casaco esticava-se contra o seu peito e ela notou uma protuberância. Tinha algo no bolso. Sentiu um arrepio.

Tem um anel numa caixa, pensou.

Igor estendeu o braço na mesa, pôs a mão sobre a de Erika e respirou fundo.

– Erika, eu...

Ela afastou a mão e levantou-se bruscamente.

– Tenho de ir à casa de banho.

– Está bem – disse ele, franzindo o sobrolho. – Está tudo bem?

– Sim. Tudo ótimo.

Erika atravessou a concorrida sala de jantar, quase colidindo com dois empregados que transportavam um gigantesco bolo de aniversário coberto de velas acesas.

Preciso de ar. O corredor à porta do restaurante era estreito e estava cheio de funcionários. Entrou num elevador congestionado e premiu o botão para o rés do chão. Conseguia sentir o pânico a apertar-lhe o peito. A sensação de não conseguir respirar. Os corpos apertados contra ela no minúsculo elevador não ajudavam, e quando as portas se abriram, irrompeu por elas, ignorando os estalares de língua e os rostos irritados.

Só depois de se encontrar no exterior inalando o ar límpido e gélido junto ao rio, é que sentiu o coração abrandar. Agarrou-se à balastrada que corria ao longo do paredão do Embankment e o aço frio soube-lhe bem contra a pele.

O seu telemóvel ainda estava na mesa do andar de cima, mas tinha a carteira e a sua identificação da Polícia Metropolitana na bolsinha brilhante de sair à noite. Ponderou descer à estação de Waterloo e chamar um táxi para casa. Tal poria termo a qualquer pedido de casamento a curto prazo. Vasculhando a bolsa, encontrou um pequeno maço de tabaco. Velho e ligeiramente amassado, mas ainda fumável. Ia um homem a passar, e ela pediu-lhe lume. O isqueiro iluminou-lhe o rosto magro e enrugado enquanto ela

punha as mãos em concha e acendia o cigarro. Agradeceu-lhe e inalou com gratidão.

– Não restam muitos de nós, fumadores – comentou ele, com um sorriso, e então partiu.

Erika exalou, sentindo o poderoso afluxo da nicotina, e ficou a ver um rebocador passar, avançando contra a rápida corrente do rio. Só há pouco tempo tinha recommençado a fumar. Um cigarro aqui e ali. Mais aqui do que ali, nos últimos tempos. Iria Igor realmente pedi-la em casamento sem avisar? Não viviam juntos. Igor tinha a sua própria casa bastante perto da sua rua, em Blackheath, e passava algumas noites por semana com ela. Se a pedisse em casamento, tudo mudaria. Ele tinha um filho, Tom, do primeiro casamento. Erika seria esposa e madrasta.

Não. Amava Igor e era muito chegada a Tom, mas não podia fazê-lo. Erika já tinha sido casada. Mark trabalhava com ela na polícia e, quase nove anos antes, havia sido morto numa rusga que correu mal, juntamente com quatro outros colegas. Erika liderava a rusga. Era a oficial superior nesse dia e tinha assumido a responsabilidade. Ainda a conservava. Era algo que jamais a abandonaria.

Não podia voltar a ser esposa de ninguém. O seu marido fora Mark. E ainda devia sê-lo. O filme *Instantes Decisivos* tinha-a afetado profundamente: perguntava-se se havia outra versão da sua vida em que a carrinha da polícia avariava nesse fatídico dia. A rusga nunca acontecia e Erika e Mark viviam felizes para sempre.

Demasiado depressa, o seu cigarro acabou. Deu uma última passa e atirou a beata para a água. Sentia-se mais calma ali, ao frio e na quietude. Teria simplesmente de ser sincera. Amava muito Igor e a vida que tinham juntos. Juntos, mas com os seus próprios espaços, e isso teria de servir. Ele teria de aceitar isso.



Erika só se apercebeu de que tinha reentrado no edifício por uma porta diferente quando deu por si a subir sozinha no elevador. Tinha acabado de estender o braço para premir o botão para a levar de volta ao rés do chão quando o elevador parou com um tinido suave e as portas se abriram para um corredor vazio.

Ouviu a voz ecoante de uma mulher.

– Sim, polícia, por favor... Está aqui um cadáver. Um homem morto.

Erika saiu do elevador. Onde estava? Parecia ser um dos pisos residenciais do prédio. Havia filas de portas brancas com números dourados, e uma mulher mais velha, com umas *leggings* e uma camisola velha, erguia-se junto a um carrinho de limpeza ao lado de uma porta aberta ao fundo do corredor. Usava umas luvas de borracha amarelas e limpava os olhos ao antebraço. Tinha um emaranhado ninho de cabelo ruivo e camadas de maquilhagem laranja.

– Está no quarto andar da Torre OXO, no Embankment. Sim, obrigada.

– Está tudo bem? – perguntou Erika.

A mulher desligou a chamada.

– Este é um piso privado – informou, em voz rouca. – Só para residentes.

– Sou polícia.

Olhou Erika de cima a baixo, assimilando o seu longo e ligeiramente mal ajustado vestido de noite. Erika sentiu-se grata por ter a sua identificação consigo. Mostrou-a e a mulher mordeu o lábio. *Oh*, parecia dizer o seu rosto, e pareceu ficar aliviada.

– Está um cadáver lá dentro – disse ela, apontando com a cabeça para a porta aberta. – Um homem.

Erika espreitou para o interior. Viu uma moderna sala de estar de grandes janelas com vista para o resplandecente horizonte londrino.

– Está mais alguém lá dentro?

– Não. Ele está além, na cama. – Erika avistou umas luvas de borracha penduradas na lateral do carrinho de limpeza. – Costuma estar vazio quando limpo. Já não o via há... séculos.

Erika calçou as luvas de borracha.

– Fique aqui, por favor – pediu. E, esquecendo-se por completo de que Igor estava à espera e dos seus receios pela relação de ambos, entrou no apartamento.

2

As tábuas do soalho rangiam e uma estranha quietude pairava no ar, como a pesada sensação antes de uma tempestade. As luzes do horizonte londrino projetavam um brilho intenso sobre uma sala de estar e uma cozinha cavernosas, com um suave zunido a rasgar o silêncio. Um vasto aquário encontrava-se encastrado na parede do fundo, atrás de um grande sofá claro em forma de L. Um grupo de medusas de cúpula branca fletia-se e deslocava-se através do aquário ao ritmo da bomba de ar, enquanto dois pesarosos peixes cinzentos achatados pairavam, sem pestanejar, entre as bolhas.

A luz azul do aquário refletia-se sobre os armários e superfícies de trabalho em aço de aspeto caro da cozinha. Limpa, reluzente e sem qualquer eletrodoméstico, era o tipo de cozinha utilizada apenas de vez em quando por fornecedores contratados.

Erika atravessou o soalho, passando por uma placa de rocha petrificada com veios cor de laranja e castanhos, até uma porta entreaberta perpendicular à cozinha. Hesitou no limiar, ao sentir o tão familiar cheiro fétido da morte picar-lhe as narinas, e abriu a porta.

As pesadas cortinas estavam fechadas, deixando uma fresta de quinze centímetros no meio. Uma faixa laranja iluminava o corpo pálido de um grande homem branco, nu em cima da cama.

Não conseguindo encontrar o interruptor, Erika abriu as cortinas, deixando a luz do exterior encher o quarto. Não havia mais móveis

além da cama *king size* com lençóis pretos. O homem estava deitado de bruços, amarrado, de braços e pernas atados atrás das costas e puxados para cima por uma corda a juntá-los. Tinha a cabeça arqueada para cima, pelo que se encontrava voltado para as cortinas, e fita adesiva a cobrir-lhe a boca. A pele estava pálida e flácida, como pudim cru. Cautelosamente, Erika estendeu a mão e verificou-lhe a pulsação.

Sim. Estava mesmo morto.

Umás calças bege, uma camisa e uma gravata estavam amontoadas no chão do lado direito da cama. Tentando interferir com o mínimo possível de provas, Erika revistou os bolsos das calças e encontrou uma carteira de cabedal e um pequeno envelope branco quadrado. A carteira estava vazia, salvo por um único cartão de identificação. Era uma credencial da Câmara dos Comuns para Neville Lomas, deputado conservador pela divisão nordeste do Surrey.

O envelope não estava selado e continha três fotografias *Polaroid*. Mostravam Neville Lomas deitado na cama, vestido e aparentemente vivo, a olhar inexpressivamente para a câmara. Na segunda *Polaroid*, estava nu, deitado de costas, e na terceira estava amarrado. Mal segurando nas orlas e tendo o cuidado de não tocar nas fotos, Erika virou-as. Estavam todas assinadas com o que parecia ter sido um marcador permanente preto, numa caligrafia redonda, quase infantil:

ANNABELLE

– Está bem? – perguntou uma voz.

Erika sobressaltou-se, quase deixando cair as fotos. A mulher mais velha, de voz rouca e cabelo ruivo, encontrava-se à porta. Erika lembrou-se de que o seu telemóvel ainda estava no restaurante com Igor. Voltou a guardar as *Polaroid* dentro do envelope.

– Posso usar o seu telemóvel, por favor?

Os olhos da mulher deslocaram-se para o homem na cama e depois de novo para Erika.

– Sim – assentiu.

Erika dirigiu-se à mulher e conduziu-a à sala de estar. Tinha de chamar uma equipa forense, e depressa. Sentia um formigueiro de entusiasmo. Com um deputado mediático, viria um caso de homicídio igualmente mediático. A mulher parou junto ao sofá, apoiando-se no braço com uma mão.

– Como se chama? – perguntou Erika.

– Ann-Marie Ross. – Soltou um longo suspiro. – Posso sentar-me por um instante?

O seu rosto áspero tinha empalidecido de repente, e Erika reparou que lhe tremiam as mãos.

– Não o vi tão ao... pormenor antes. – Apalpando os bolsos das suas *leggings*, tirou um maço de tabaco amarrotado, uma pequena efígie em madeira da Virgem Maria e depois um velho *smartphone* rachado. Ia pousar os cigarros na mesa de café de rocha petrificada, mas Erika estendeu a mão e pegou neles.

– Não, estamos no local de um crime.

Erika reparou que não era uma efígie da Virgem Maria. Era um isqueiro.

– Desculpe. Isto deixou-me tonta. Fico bem não tarda... Comprei isso em Lourdes – aditou a mulher, seguindo o olhar de Erika. – Fui com a minha irmã. E a minha mãe.

– São religiosas?

– Não. E também não teve influência nenhuma em nós. Passámos o tempo todo a discutir.

Ann-Marie estendeu o seu telemóvel a Erika e esta ligou para a sala de controlo da esquadra de Lewisham Row a pedir reforços e uma equipa forense.

– A que horas chegou a este andar e abriu a porta do apartamento?

– Poucos minutos antes de si.

– Trabalha aqui a tempo inteiro?

– Trabalho por todo o lado.

– Estes são andares residenciais?

– Sim, mas preferem que lhes chamemos «apartamentos». Todo este piso e os que ficam imediatamente abaixo e acima. Entramos e limpamo-los uma vez por semana.

– Quem?

– A agência para que trabalho. A Hoopers Limited.

– O falecido é o proprietário do apartamento?

– Não sei. Está todo amarrado. – Pela primeira vez, falhou-lhe a voz, e Erika deu-se conta de que estava a tentar mostrar-se corajosa.

– Conhece algum morador com quem possa falar?

– Acha que eles falam com gente como nós? Vejo todo o tipo de pessoas a entrar e a sair. Sempre diferentes. Às vezes, temos de limpar depois de uma festa... – Torceu o nariz. – Seria de esperar que a gente fina fosse mais limpa do que nós, mas não. Imundos.

Ouviu-se um estrondo enquanto o elevador passava.

– Obrigada por me deixar usar o seu telemóvel – disse Erika, devolvendo o aparelho, os cigarros e o isqueiro a Ann-Marie. Ajudou-a a levantar-se e saíram outra vez para o corredor.

As portas do elevador abriram-se com um tinido e dois agentes fardados saíram. Um homem e uma mulher. Os seus rostos jovens estavam corados do ar frio no exterior e gotas de chuva pintalgavam os seus casacos de alta visibilidade.

– Quarto andar, apartamento seis; deve ser ao fundo do corredor – disse uma voz através do rádio na lapela da mulher, repetindo o que Erika tinha dito ao telefone.

– São a equipa de limpezas? Podemos pedir-vos que abandonem a área, por favor? – pediu a mulher, vendo a porta do apartamento aberta. Estendeu o braço para guiar Erika e Ann-Marie dali para fora.

– Sou a inspetora-chefe Erika Foster – retorquiu Erika, um pouco ressentida por aquela jovem pensar que ela era a empregada de limpeza.

Os dois agentes olharam-na de cima a baixo, assimilando as luvas de borracha e o vestido de noite preto com lantejoulas.

– Eu não me importo nada de sair daqui – observou Ann-Marie, agarrando na pega do seu carrinho de limpeza e tentando virá-lo no espaço apertado.

– Sou a agente Dahlia Beck. Este é o meu colega, Glenn Constance – disse a jovem agente.

Era linda, com uns grandes olhos castanhos e uma boca de lábios franzidos a fazer beicinho. Fazia Erika pensar numa jovem atriz que tivesse sido selecionada para fazer de polícia numa série de televisão, e o seu uniforme era tão novo que quase parecia um disfarce. O colega, Glenn, era igualmente atraente. Todo queixo forte e ares de estrela de cinema, mas não parecia ter a confiança de Dahlia. Erika reparou que não parava de engolir em seco e que o seu olhar traía um ligeiro receio.

– Boa noite, minha senhora – disse ele.

Ann-Marie tentava agora passar com o seu carrinho.

– Pode deixar isso, por favor? – pediu Erika. – Preciso que fique e preste declarações.

O rádio de Dahlia apitou.

– Daqui controlo. Já estabeleceram contacto? – perguntou uma voz.

Dahlia manteve o olhar fixo em Erika e agarrou no rádio.

– Está aqui uma senhora que diz que é a inspetora-chefe Foster, mas ainda não fizemos uma identificação formal – respondeu.

A irritação inflamou-se dentro de Erika. *Uma identificação formal? Não sou eu o cadáver.* Com um metro e oitenta e dois, Erika era mais alta do que Dahlia. Debruçou-se para ela e agarrou no rádio na sua lapela. Diabos a levassem se ia mostrar a identificação àquela senhorinha arrogante.

– Daqui Erika Foster. É a Vicky? Escuto – começou, reconhecendo a mesma voz com que tinha falado na sua chamada anterior.

– Sim, minha senhora. Escuto.

– Por favor, confirme aqui à agente Dahlia Beck que temos reforços e uma equipa forense a caminho. Escuto.

– Estão a cerca de doze minutos de distância. Escuto.

Erika largou o rádio e viu que Dahlia estava igualmente irritada.

– Estou só a fazer o meu trabalho, minha senhora.

Erika virou-se para Glenn.

– Parece que o falecido é um deputado conservador, o Neville Lomas. Não tenho uma identificação formal, mas, por favor, vá à receção e veja se consegue descobrir mais informações.

– Sim, minha senhora.

– E tenho um trabalho para si – disse Erika a Dahlia. – Preciso que vá ao restaurante do último andar.